

2^o CICS

CONGRESSO
INTERNACIONAL
CIÊNCIA E SOCIEDADE

Educação e Pesquisa como
caminho para pacificação global

TRABALHOS
PREMIADOS
2025



CENTRO UNIVERSITÁRIO
SANTO AGOSTINHO





TRABALHOS PREMIADOS 2025





CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTO AGOSTINHO – UNIFSA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
DIRETORIA DE ENSINO
NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS - NPA

Supervisão Editorial: Ana Kelma Cunha Gallas
Diagramação: Edson Rodrigues Cavalcante
Design Gráfico e artes: Ana Kelma Cunha Gallas
Capa: Odrânio Rocha
TI OMP Books: Eliezyo Silva



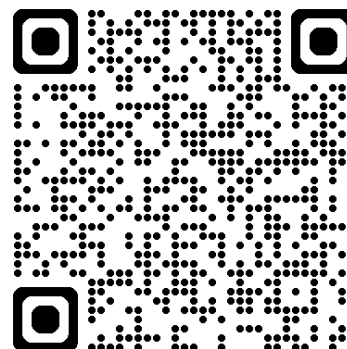
LESTU EDITORA, CONSULTORIA E
COMUNICAÇÃO LTDA
Contato: editora@lestu.org
Site: www.lestu.com.br
Livraria: www.lestu.org

Este título possui uma licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives* 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0).

A íntegra dessa licença pode ser acessada:
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/legalcode.pt>

© 2025 UNIFSA/LESTU

Todos os capítulos deste livro foram submetidos, aprovados e apresentados no 2º Congresso Internacional Ciência e Sociedade, realizado pelo Centro Universitário Santo Agostinho de 4 a 8 de novembro de 2025, sendo selecionados como os melhores trabalhos apresentados em Grupos Temáticos do evento.



FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T279 GALLAS, Ana Kelma Cunha; GOMES, Alisson Dias; CRONEMBERGER, Izabel Herika Gomes Matias; LIRA E SILVA, Antonieta; OLIVEIRA, Edjôfre Coelho de; SILVA, Indira Maria de Melo Lira Pereira da (ORGs.).

Trabalhos premiados no 2º Congresso Internacional Ciência e Sociedade: Educação e Pesquisa como caminho para a pacificação global. Teresina: Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA); Editora Lestu, 2025.

432 p. *online*.

ISBN: 978-65-85729-14-7

DOI: doi.org/10.51205/lestu.978-65-85729-14-7

Disponível em: <https://lestu.org/books/>

1. Congresso Internacional Ciência e Sociedade. 2. Pesquisa. 3. Inovação. 4. Sustentabilidade. 5. Ciência e Sociedade. I. Autores. IV. Congresso Internacional Ciência e Sociedade (2. : 2025 : Teresina, PI).

CDD: 370

10

A VIVÊNCIA DO LUTO DOS FAMILIARES DE DESAPARECIDOS POLÍTICOS DURANTE A DITADURA MILITAR NO BRASIL¹

*THE EXPERIENCE OF GRIEF BY FAMILIES OF POLITICAL PRISONERS WHO DISAPPEARED
DURING THE MILITARY DICTATORSHIP IN BRAZIL*

Paula Morais Patrício Cavalcante – UNIFSA²
Maria Eduarda Coêlho da Costa – UNIFSA³
Patrícia Carvalho Moreira – UNIFSA⁴

¹ Trabalho apresentado no GT 17 QUEM PAGA A CONTA? PERSPECTIVAS SOBRE A SAÚDE MENTAL NO CENÁRIO BRASILEIRO do 2º Congresso Internacional Ciência e Sociedade (2º CICS 2025), promovido pelo Centro Universitário Santo Agostinho, de 04 a 08 de novembro de 2025, em Teresina-PI.

² Discente bolsista, estudante de psicologia do 10º período do Centro Universitário Santo Agostinho; paulampcavalcante@gmail.com

³ Discente voluntária, estudante de psicologia do 9º período do Centro Universitário Santo Agostinho; dudamaria131416@gmail.com

⁴ Professora orientadora, mestra em antropologia, psicóloga e docente no Centro Universitário Santo Agostinho; patriciamoreira@unifsa.com.br

RESUMO

Este trabalho, uma revisão narrativa da literatura, investiga como os familiares de desaparecidos políticos durante a Ditadura Militar brasileira (1964-1985) vivenciaram o luto, ante a violência política, a ausência de corpos e a falta de reconhecimento oficial. O objetivo é compreender a vivência do luto dos familiares de desaparecidos políticos durante a Ditadura Militar no Brasil. A metodologia consistiu em uma revisão integrativa para análise de publicações, entre os anos de 2012 a 2025, indexadas em bases como, periódicos da CAPES, SciELO e Google Acadêmico. Estudo em andamento no âmbito do programa PIBIC-UNIFSA, com dados parciais analisados até o momento. Os resultados indicam três categorias: Vozes da Ausência: o luto narrado pelos que ficaram; Memória ficcional, luto real: a literatura como resistência; Do silêncio à palavra: o testemunho como ato político de luto. Conclui-se que o luto vivenciado é um processo único, cuja compreensão é vital para processos de justiça de transição e reparação histórica, enriquecendo a compreensão do luto em contextos de trauma coletivo. Assim, as três categorias parecem partes de uma mesma trilogia simbólica: o privado, o simbólico e o coletivo como forma de vivenciar esse luto.

Palavras-Chave: Luto. Vivência do luto. Desaparecimento Forçado. Ditadura Militar.

ABSTRACT

This work, a narrative literature review, investigates how family members of those who disappeared politically during the Brazilian Military Dictatorship (1964-1985) experienced grief, given the political violence, the absence of bodies, and the lack of official recognition. The objective is to understand the grief experience of family members of those who disappeared politically during the Military Dictatorship in Brazil. The methodology consisted of an integrative review analyzing publications from 2012 to 2025, indexed in databases such as CAPES, SciELO, and Google Scholar. This study is ongoing within the PIBIC-UNIFSA program, with partial data analyzed to date. The results indicate three categories: Voices of Absence: grief narrated by those left behind; Fictional Memory, Real Grief: Literature as Resistance; From Silence to Word: Testimony as a Political Act of Mourning. It is concluded that experienced grief is a unique process, the understanding of which is vital for transitional justice and historical reparations, enriching the understanding of grief in contexts of collective trauma. Thus, the three categories appear to be part of a single symbolic trilogy: the private, the symbolic, and the collective as ways of experiencing this grief.

Keywords: Grief. Experience of grief. Enforced disappearance. Military dictatorship.

INTRODUÇÃO

A morte, embora seja um fato biológico, envolve dimensões sociais, culturais, históricas, religiosas, legais, psicológicas, clínicas, éticas e de desenvolvimento que se entrelaçam no processo humano (PAPALIA; FELDMAN, 2013). O luto, nesse contexto, constitui-se como a resposta natural à perda de um familiar, abrangendo aspectos emocionais, cognitivos, sociais e culturais (WORDEN, 2013). Como afirma Parkes (1998), trata-se de um processo complexo, que ultrapassa a tristeza e pode envolver negação, raiva, culpa e aceitação, variando conforme as circunstâncias e vínculos estabelecidos.

Entre os diferentes contextos de luto, destacam-se os vividos por familiares de desaparecidos políticos durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). A ausência dos corpos, a falta de reconhecimento oficial dos crimes cometidos pelo Estado e o silêncio imposto pelo regime configuram uma experiência singular, marcada por dor prolongada e ausência de fechamento simbólico. Esse cenário caracteriza o chamado luto ambíguo, permeado pela incerteza e pela impossibilidade de rituais fúnebres, agravando o sofrimento e dificultando a elaboração da perda.

A Ditadura Militar brasileira foi marcada por graves violações de direitos humanos, incluindo perseguições, torturas, execuções e desaparecimentos forçados. Segundo o relatório final da Comissão Nacional da Verdade (2014), foram documentados 434 mortos e desaparecidos políticos, número que pode ser maior diante de novas investigações. Para os familiares, a ausência de informações oficiais e a estigmatização social intensificaram o sofrimento, tornando o luto uma experiência de caráter político e coletivo, além de pessoal.

Nesse sentido, compreender como esses familiares vivenciaram o luto é fundamental para iluminar não somente a dimensão psicológica, mas também os impactos sociais e históricos desse processo. Este estudo parte da questão central: como os familiares de desaparecidos políticos vivenciaram o luto durante a Ditadura Militar no Brasil, considerando as particularidades desse contexto de violência política, ausência de corpos e falta de reconhecimento oficial?

O objetivo geral deste estudo é compreender a vivência do luto dos familiares de desaparecidos políticos no Brasil durante a Ditadura Militar. E como objetivos específicos, pretende-se: (a) levantar e selecionar produções científicas e documentos históricos que abordam o tema; e (b) revisar a literatura a fim de analisar os impactos emocionais e

psicológicos associados ao luto ambíguo nesse contexto.

A relevância desta pesquisa reside na escassez de estudos sistematizados sobre o tema na literatura brasileira e na necessidade de fomentar novas investigações. Além disso, busca-se contribuir para o debate sobre memória, verdade e justiça, ressaltando a importância da reparação histórica e da valorização da memória coletiva para fortalecer a justiça de transição e prevenir novas violações de direitos humanos.

Assim, ao consolidar o conhecimento disponível, identificar lacunas e oferecer subsídios para futuras pesquisas e políticas públicas, este estudo pretende ampliar a compreensão sobre o luto em contextos de violência política e contribuir para reflexões contemporâneas sobre perdas decorrentes de regimes autoritários e violações de direitos fundamentais.

METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, baseada em revisão integrativa da literatura, que analisou artigos científicos, relacionados à vivência do luto dos familiares de desaparecidos políticos durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). A revisão integrativa, conforme Mendes, Silveira e Galvão (2008), permite a síntese de estudos qualitativos e quantitativos, fornecendo uma visão abrangente, identificando padrões, lacunas e contribuições relevantes para a compreensão do tema.

A coleta de dados seguiu procedimentos sistemáticos, incluindo: definição do problema de pesquisa, estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão, Critérios de inclusão: foram considerados artigos científicos publicados a partir de 2012, que abordaram o luto de familiares de desaparecidos políticos da Ditadura Militar no Brasil, com ênfase no conceito de luto ambíguo. Critérios de exclusão: foram descartados estudos duplicados, não disponíveis ou cujo foco não estivesse relacionado ao luto de familiares de desaparecidos. Busca nas bases de dados (Periódicos CAPES, SciELO e Google Acadêmico), triagem de títulos e resumos, leitura integral dos materiais elegíveis e categorização dos resultados em eixos temáticos. Foram utilizados descritores padronizados do DeCS/MeSH, como “luto”, “luto ambíguo”, “ditadura militar” e “desaparecidos políticos”, combinados com operadores booleanos (“AND”) para refinar a busca. Os critérios de inclusão contemplaram publicações a partir de 2012, com foco no luto de familiares de desaparecidos e abordagem central sobre

o luto ambíguo, enquanto estudos duplicados ou não relevantes foram excluídos.

O estudo está em andamento no âmbito do Programa PIBIC/UNIFSA, com dados parciais analisados até o momento. A análise inicial identificou três categorias emergentes: Vozes da Ausência: o luto narrado pelos que ficaram, Memória ficcional, luto real: a literatura como resistência e Do silêncio à palavra: o testemunho como ato político de luto. Este procedimento metodológico visa garantir rigor, transparência e reprodutibilidade, fornecendo subsídios para futuras investigações e fortalecendo a compreensão das implicações psicológicas, sociais e políticas do luto ambíguo em contextos de violência política e repressão histórica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sistematização dos dados apresentados na Tabela 1 evidencia a diversidade de enfoques teóricos e metodológicos sobre o luto dos familiares de desaparecidos políticos durante a Ditadura Militar no Brasil. Embora cada estudo possua particularidades quanto às fontes, objetivos e recortes analíticos, observa-se a recorrência de alguns elementos centrais, como a ausência do corpo, a impossibilidade de rituais fúnebres e a consequente configuração do luto ambíguo ou impossibilitado.

A tabela também revela a ênfase atribuída ao testemunho como estratégia de enfrentamento do silêncio imposto pelo Estado, funcionando tanto como mecanismo de elaboração subjetiva quanto como instrumento político de denúncia e resistência. Em diversos estudos, a literatura, as videobiografias e os memoriais emergem como espaços de preservação da memória e de construção coletiva do luto, configurando-se como alternativas simbólicas diante da ausência material dos corpos. Outro aspecto relevante, evidenciado na tabulação, é a persistência de um sofrimento prolongado, que atravessa gerações e se articula com a luta por verdade, memória e justiça.

Os trabalhos convergem em apontar que o luto, nesse contexto, não pode ser compreendido apenas como processo psicológico individual, mas deve ser analisado em sua dimensão sócio-histórica, marcada por violência política, impunidade e negação oficial das violações cometidas. Assim, a tabela não apenas sintetiza os principais achados dos dez artigos selecionados, mas também explicita os eixos temáticos predominante ausência do corpo, impossibilidade de resignificação do luto, testemunho como resistência e

repercussões intergeracionais. Essa organização facilita a comparação entre os estudos, permite identificar lacunas na literatura e orienta a discussão crítica a seguir, voltada à compreensão do luto em contextos de trauma coletivo e autoritarismo político.

A seguir, apresenta-se a tabela com os 10 artigos selecionados, organizada em ordem alfabética conforme o título. A tabela sintetiza título, base de dados, objetivos e principais resultados, permitindo uma visão panorâmica dos materiais examinados.

Tabela 1 – Artigos Selecionados

Pesquisa	Título	Base de dados	Objetivos	Resultados
P01	A Vítima Silenciada e o Grito Impotente: Testemunho, denúncia e luto na literatura de viúvas de militantes e desaparecidos políticos	Google Acadêmico	Analisar como a ausência do corpo impacta o luto de familiares de desaparecidos políticos da Ditadura Militar e as estratégias por eles desenvolvidas para elaborar a perda e preservar a memória.	A falta de um corpo impede a realização de rituais fúnebres, resultando em um luto permanente e não resolvido. As famílias criam próprios rituais simbólicos, como altares domésticos e participação em atos públicos, para manter viva a memória. A memória familiar, baseada na experiência emocional, frequentemente entra em conflito com a versão oficial e burocrática do Estado. Conclui-se que, sem o corpo e sem um reconhecimento estatal satisfatório, o luto se transforma em uma luta contínua por verdade e justiça.
P02	Luto e Memória da ditadura: O Memorial dos Desaparecidos de Vila	Portal de Periódicos CAPES	Oferecer um panorama reflexivo sobre o debate teórico a respeito da memória, o trabalho de luto dos familiares de desaparecidos políticos no Brasil, o legado da ditadura e a edificação do	O desaparecimento, a falta de um corpo, de um momento de luto e de uma sepultura assumem tal dimensão que, mesmo passados muitos anos dos fatos, impossibilitam a emergência de representações de um corte, de um antes e um depois, e o trabalho de luto

	Formosa, em São Paulo		Memorial dos Desaparecidos de Vila Formosa, em São Paulo	(Catela, 2001, p. 150; Seligmann-Silva, 2000, p. 85-93). O testemunho dos familiares e sobreviventes, conforme indicado nos registros aqui compilados, é caracterizado por traços de um luto interminável, [...] devido à persistência desse passado “que não passa” (Rousso, 2007), e da ausência de esforços consistentes de sua simbolização coletiva.
P03	Luto, Identidade e Reparação: videobiografias de desaparecidos na ditadura militar brasileira e o testemunho no tempo presente	Portal de Periódicos CAPES	Refletir sobre videobiografias produzidas entre os anos de 1985 e 1996 procurando investigar o papel do testemunho na produção de memórias sobre o Golpe de 1964, especialmente, ligado à vida de mortos e desaparecidos políticos no período.	A luta contra o esquecimento, a superação dos traumas e o desejo de justiça marcam alguns dos caminhos sobre os quais essas memórias das vítimas da ditadura brasileira foram sendo formuladas. A memória é apresentada como necessidade, como ação política em resposta a um esquecimento comandado. Como narrativas, as videobiografias servem para fundar referentes importantes na construção das memórias de vítimas do regime militar, pois operam com perspectivas distintas de usos do passado.
P04	Na Ausência do Corpo, a Presença da Dor: As Famílias dos Desaparecidos Políticos e o seu Luto Sem Corpo	Google Acadêmico	Analisar o luto das famílias de desaparecidos políticos da ditadura civil-militar brasileira, destacando os impactos da ausência do corpo e dos rituais fúnebres no processo de elaboração da perda, e demonstrar como esse sofrimento pro longado representa uma extensão da tortura de Estado.	Entre os resultados obtidos na pesquisa, pode-se observar que o processo do luto carece de um desfecho, visto que a falta da ritualização e a ausência do corpo inviabilizam sua elaboração. Também foi observado que o sofrimento dos familiares é realçado por práticas discursivas recorrentes que negam a existência e as truculências da ditadura civil-militar brasileira.

P05	O Entre Lugar dos Desaparecidos Políticos em K. Relato de uma Busca e Você Vai Voltar Para Mim e Outros Contos, de Bernardo Kucinski	Portal de Periódicos CAPES	Ao propor uma análise interpretativa e comparativa do romance e dos contos, agregando as contribuições de Freud e Kristeva, bem como pesquisas antropológicas referentes a luto e rituais fúnebres, o artigo reflete acerca da importância do corpo para o processo de luto na cultura ocidental.	(...) Podemos dizer que o lugar que ocupa um desaparecido no meio em que se insere, é na verdade um entre lugar, uma situação intermediária entre a vida e a morte, de concomitância entre vida e morte de um sujeito que, na ausência da materialidade do corpo a ser reconhecido e sepultado, segue existindo. A situação de coexistência entre vida e morte acaba por colocar também seus familiares em um entre-lugar, já que eles não conseguem concretizar a morte de seus entes
				queridos em seu imaginário, impossibilitando a readaptação de suas vidas à nova realidade.
P06	O luto dos familiares de desaparecidos na Ditadura Militar e os movimentos de Testemunho	Portal de Periódicos CAPES	Analisamos a relação entre testemunho, denúncia e luto na literatura escrita por viúvas de militantes e desaparecidos políticos assassinados pela ditadura civil-militar brasileira.	Consideramos que essas obras mostram mais do que uma representação dos acontecimentos, elas possibilitam compreender a literatura como forma de denúncia das violências da ditadura e como tentativa de realizar um luto público.
P07	O Luto Sem Corpo e a Formação da Memória de Desaparecidos Políticos por parte de seus Familiares	SciELO	Compreender a forma como o processo de luto ocorreu entre familiares de desaparecidos-mortos políticos durante a Ditadura Militar de 1964	Verificamos nos familiares de desaparecidos políticos que a melancolia paralisa o sujeito em um estado mortificante, enquanto no luto é possível algum movimento. Essa ausência do real, que se configura pela não materialização da morte (localização/presença do corpo), é um evento traumático, que adentra o aparelho psíquico sem que ele possa reagir a tão abrupto investimento; há familiares que são identificados com a luta de seus desaparecidos e que continuam a militância, [...], buscando a elaboração de seu luto.

P08	Processo de luto de familiares de desaparecidos políticos na ditadura militar brasileira	Portal de Periódicos CAPES	Analisar o processo de luto de familiares que têm seus parentes desaparecidos desde a Ditadura civil-militar.	O estudo conclui que a falta do corpo impede a Entre os resultados obtidos na pesquisa, pode-se observar que o processo do luto carece de um desfecho, visto que a falta da ritualização e a ausência do corpo inviabilizam sua elaboração. Também foi observado que o sofrimento dos familiares é realçado por práticas discursivas recorrentes que negam a existência e as truculências da ditadura civil-militar brasileira.
P09	Roberto Antunes? Presente! A Luta pelo Direito ao Luto em “O Velório”, de Bernardo Kucinski	Portal de Periódicos CAPES	Pretendemos argumentar que o referido conto [...] constitui primordialmente literatura de resistência contra a política de desmemória executada pelo Estado brasileiro, na medida em que, pela via literária, o autor denuncia [...] a interdição do direito humano ao luto infligida aos entes queridos de “desaparecidos”,	Ao impedi-los de oferecer as devidas honras fúnebres aos seus mortos, o Estado brasileiro furtou-lhes o direito de viver plenamente a experiência do luto, indispensável para a elaboração da perda, porém, substituída nesse caso por um perene estado de angústia, inquietação e sofrimento, indefinidamente prolongado em face de uma história jamais encerrada à qual
			como Roberto, protagonista incorpóreo do “velório” narrado.	somente a presença de um corpo poderia dar resposta conclusiva.

P10	Sonhar o desaparecimento forçado de pessoas: impossibilidade de presença e perenidade de ausência como efeito do legado da ditadura civil-militar no Brasil	SciELO	Este artigo busca investigar os impactos duradouros do desaparecimento forçado de pessoas durante a ditadura civil-militar brasileira, analisando especificamente como essa prática estatal produziu e mantém efeitos traumáticos da psique individual e coletiva. O estudo focaliza a elaboração onírica (processos de sonho) como uma via privilegiada para compreender a persistência do trauma e a impossibilidade de elaboração do luto nestes casos.	A análise demonstra que o desaparecimento forçado produz uma ausência perene, suspende os familiares entre a esperança e a desesperança, sem a possibilidade de confirmar a morte ou reestabelecer a presença do ente desaparecido. Os sonhos emergem como expressões psíquicas fundamentais desse trauma, revelando-se não como realizações de desejo, mas como repetições do horror e tentativas de elaboração simbólica da perda. A persistência da impunidade e a negligência do Estado em responsabilizar os perpetradores intensificam o sofrimento e perpetuam o legado autoritário, dificultando a superação individual e coletiva. Por fim, o artigo destaca a resistência mantida por meio da memória e da narrativa - inclusive onírica- como forma de confrontar o apagamento histórico e buscar reconhecimento e justiça.
-----	---	--------	--	--

Fonte: Autoria própria.

A partir da visualização de resultados, foi possível identificar 3 categorias ou eixos temáticos principais, que se repetiram ao longo dos artigos e que promovem uma compreensão do problema de pesquisa. Os eixos são: Vozes da Ausência: o luto narrado pelos que ficaram; Memória ficcional, luto real: a literatura como resistência; Do silêncio à palavra: o testemunho como ato político de luto, que serão discutidas a seguir.

1ª. Categoria: Vozes da Ausência: o luto narrado pelos que ficaram

A metodologia da entrevista com familiares configura-se como a principal via de acesso à complexidade subjetiva do "luto sem corpo". Relatos diretos de familiares dos desaparecidos políticos, concedidos em entrevistas, foram encontrados em 4 dos 10 artigos analisados, os quais: artigo P02, artigo P03, artigo P06 e artigo P08. Os estudos analisados demonstram que é através do contato direto com os relatos dos enlutados que se compreende a profundidade do trauma, caracterizado por um estado de suspensão e angústia permanente. Santos et al. (2022) constata em sua pesquisa que "o sofrimento dos familiares é realçado por práticas discursivas recorrentes que negam a existência e as truculências da ditadura", destacando como a entrevista captura não apenas a dor individual, mas também a luta contra o apagamento histórico. Essa categoria revela a dimensão intersubjetiva do trauma, onde a fala do familiar se torna tanto objeto de estudo quanto instrumento de validação de uma verdade histórica silenciada.

Os principais fatores de complicação para o luto destes familiares são o desaparecimento de seus entes queridos, a não confirmação de sua morte, a ausência do corpo e também a ausência dos ritos fúnebres, presentes em todas as sociedades humanas, pois "qualquer grupo, mesmo os mais primitivos, não abandonam seus mortos" (KOVÁČZ apud FUSTINONI; CANIATO, 2019). De acordo com Santos e Fonseca, 2018, o desaparecimento "tem como característica o fato de criar uma situação que não é plenamente categorizável, o que o torna ainda mais cruel, pois a ausência do corpo sugere morte, mas não a confirma, deixando-a em aberto, ampliando os efeitos da violência perpetrada." Nos diversos relatos, foi observada a presença de um luto ambíguo, marcado pela impossibilidade de simbolização da perda, devido a seu caráter indizível (ABRAHAM; TOROK apud FUSTINONI; CANIATO, 2019). A experiência desse luto ambíguo, onde não é possível realizar a reconstrução de significados é representada no relato direto de uma familiar, extraído do artigo de Santos; Santos; Salles, 2022, p. 6, que declarou que:

"é uma coisa assim você não sabe que a pessoa não existe, e você não tem um corpo, essa questão do luto né, é um luto eterno... não tem um processo assim de você amadurecer... estava desaparecido, mas a gente ainda tinha esperança. E depois quando não tem mais é uma coisa assim uma tristeza muito grande ... é quase um luto eterno que nunca acaba".

Além da experiência do “luto eterno” (SANTOS; SANTOS; SALLES, 2022), outros relatos indicam que muitos familiares não conseguiram precisar exatamente o momento em que o desaparecimento se deu, por conta do distanciamento que já ocorria na família, além da ausência de informações por parte do Estado (SANTOS; SANTOS; SALLES, 2022). Também há a presença em alguns familiares de sentimentos de culpa por sobreviverem, e acreditam que poderiam ter evitado o destino de seus entes queridos (SANTOS; FONSECA, 2018).

Foi identificado também o sentimento de abandono por parte dos sobreviventes, pois aderir à revolução foi uma escolha de seu ente querido, que sabia da possibilidade de sua morte (TELES, 2017). Identificou-se o relato de uma mulher que deixou intacto o quarto de seu filho, manteve regularizado seu CPF, assim como o pagamento de seu imposto de renda, na esperança de seu retorno (TELES, 2017). Além disso, foi sinalizado nos relatos dos familiares que eles também foram vítimas diretas do aparelho repressor do Estado, pois muitos foram presos, torturados e sofreram ameaças de morte após sua saída da prisão (TELES, 2017). Assim, apreende-se que o processo de simbolização da perda dos familiares de desaparecidos políticos é permeado por complexidades que dificultam a adaptação dos sobreviventes à nova realidade e a reconstrução de significados.

2ª. Categoria: Memória ficcional, luto real: a literatura como resistência

A análise literária apresenta-se como uma potente categoria para examinar a representação artística do luto impossível e seus desdobramentos simbólicos. Os artigos P01, P05 e P09 contam com análises de produções literárias de familiares de desaparecidos da ditadura, e o artigo P03 conta com a análise de videobiografias feitas pelos familiares sobreviventes. “Observou-se que a maioria dos entrevistados tem produção literária descrevendo os horrores da ditadura no Brasil, demonstrando os meios encontrados para perpetuar a memória do desaparecido e informar ao público leigo sobre os crimes de Estado cometidos nesse período histórico.” (SANTOS; SANTOS; SALLES, 2022, p. 7).

Através da análise de obras de autores como Bernardo Kucinski, os pesquisadores investigam como a literatura assume a função de denúncia, resistência e elaboração simbólica de uma experiência traumática que escapa à linguagem comum. Conforme demonstram Vogas et al. (2023), a literatura de Kucinski opera como “literatura de resistência contra a política de desmemória”, criando um espaço narrativo onde o luto

interditado pode, finalmente, ser ritualizado. A ficção, neste contexto, não é escapismo, mas um ato de testemunho indireto que universaliza a dor, pressiona por justiça e oferece um canal alternativo para a simbolização de um passado que insiste em não passar.

Observou-se que a ausência de um corpo impossibilita a materialidade da morte, deixando os desaparecidos em um entre-lugar, de não-vida e não-morte conforme verificado em Teles, 2019. Devido à ausência da confirmação de morte e da realização de ritos fúnebres, o processo de luto se encontra comprometido e é dificultada a simbolização da perda. Muitas pessoas não conseguem reconstruir significados e veem-se presas neste entre-lugar. Santos e Fonseca (2018, p. 7) argumentam que,

Considerando-se esses aspectos, podemos dizer que o lugar que ocupa um desaparecido no meio em que se insere, é na verdade um entre lugar, uma situação intermédia entre a vida e a morte, de concomitância entre vida e morte de um sujeito que, na ausência da materialidade do corpo a ser reconhecido e sepultado, segue existindo. A situação de coexistência entre vida e morte acaba por colocar também seus familiares em um entre-lugar, já que eles não conseguem concretizar a morte de seus entes queridos em seu imaginário, impossibilitando a readequação de suas vidas à nova realidade.

As obras literárias analisadas contam a história de 3 sujeitos, e suas diferentes formas de lidar com a “presença da ausência” (ADORNO apud TELES, 2017) de seus entes queridos. Um dos personagens, inspirado em vivências reais de sobreviventes, realiza um velório sem o corpo de seu filho, e assim consegue adaptar-se à nova realidade e encontrar paz em seu processo de luto (VOGAS; TREFZGER, 2023). Por outro lado, há outra história onde uma personagem não aceita a morte de seu marido, devido à ausência de um corpo e de um atestado de óbito, por isso, ela vaga pelas ruas da cidade à procura de seu marido, caracterizando um luto complicado (SANTOS; FONSECA, 2018).

Por fim, é contada a história de um homem que busca a colocação de uma lápide para sua filha, apesar da ausência de seu corpo. Seu pedido é negado pelas lideranças religiosas, o que o deixa num estado de depressão grave, culminando em sua morte dois meses depois (SANTOS; FONSECA, 2018). Dessa forma, essas obras literárias escritas por sobreviventes da Ditadura permitem perceber a importância do corpo do falecido e da realização dos ritos fúnebres para o processo de simbolização do luto.

3ª. Categoria: Do silêncio à palavra: o testemunho como ato político de luto

O testemunho emerge nos artigos como uma categoria fundamental, e foi identificado em todos os 10 artigos analisados para esta pesquisa, o que assinala a sua importância para a compreensão da vivência dos enlutados pelos crimes da ditadura. O testemunho é o ato de narrar as violências sofridas durante os anos de repressão militar, pois na época em que ocorreram os crimes, essa fala era silenciada pelo Estado (RIBEIRO, 2022). O testemunho é entendido não apenas como relato factual, mas como um ato político de resistência à desmemória imposta pelo Estado. Através do testemunho, os familiares transformam uma experiência pessoal de dor irresoluta em uma narrativa pública que demanda justiça, verdade e reconhecimento. Como afirma Meneses (2014), as videobiografias e os movimentos de testemunho "servem para fundar referentes importantes na construção das memórias de vítimas do regime militar, pois operam com perspectivas distintas de usos do passado". Este ato, portanto, constitui a memória coletiva e se torna um mecanismo crucial para a elaboração de um luto impossibilitado pelos canais tradicionais, desafiando narrativas oficiais e perpetuando a luta por reparação.

A prática de relatar os traumas da Ditadura pode ocorrer na forma de depoimentos judiciais, manifestações políticas, na escrita literária, na produção de videobiografias e na luta por direitos. "Segundo Conte (2015), dentre diversas formas recorridas para reparação estão presentes o escrever, militar e contar ao público leigo." (SANTOS; SANTOS; SALLES, 2022, p. 7). O testemunho foi utilizado como forma de denunciar os crimes cometidos pela ditadura e confrontar a política de impunidade. Ao negar o silenciamento imposto a eles, os sobreviventes da ditadura promovem a construção de uma memória coletiva, de forma a lutar pelos seus direitos e reivindicar a responsabilização e reparação por parte do Estado.

Essa luta é também uma forma de dar sentido ao luto do familiar. Além disso, ao dar seu testemunho, o sobrevivente confere um caráter de materialidade à sua perda, podendo simbolizá-la, pois sua vivência passa a ser pública, e ao ser ouvido, há um movimento de reescrever a história (MENESES, 2014). É importante também para o familiar ter seu testemunho ouvido por outras pessoas, pois a ausência de reconhecimento do luto é um fator de complicação para esse processo. A partir da inscrição de seu testemunho na vida pública, a dor do sobrevivente é validada, e dessa forma seu processo de luto encontra vias para simbolização (FUSTINONI, CANIATO, 2019). "Por intermédio do discurso, buscam

denunciar culpados, angariar aliados e, sobretudo, afirmar a veracidade da dor e da agressão sofrida. Tudo isso como se buscassem testemunhas que denunciassem o trauma, a dor, possibilitando a condenação dos algozes e a certeza de que seus sentimentos e suas memórias não são insanidades.” (FUSTINONI; CANIATO, 2019, p.6).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como estudo em andamento no âmbito do PIBIC/UNIFSA, este artigo apresenta resultados parciais, servindo como base para futuras análises e para o aprofundamento do tema. Este estudo objetivou compreender a vivência do luto dos familiares de desaparecidos políticos durante a Ditadura Militar brasileira (1964–1985), fenômeno singular marcado pela violência de Estado, pela ausência de corpos e pela falta de reconhecimento oficial. A análise da literatura permitiu identificar que esse luto se configura como um luto ambíguo, caracterizado por uma suspensão permanente entre a esperança de reencontro e a desesperança diante da ausência de respostas.

Os resultados evidenciaram que a ausência do corpo se constitui como o principal obstáculo à reconstrução de significado, uma vez que impede a realização dos rituais funerários culturalmente fundamentais para simbolizar a perda. Essa lacuna mantém os familiares em um “entre-lugar” psíquico, impossibilitados de confirmar a morte e de retomar plenamente a vida, o que resulta em sofrimento constante, sentimento de culpa e angústia inesgotável.

A literatura também destacou que práticas narrativas e artísticas, como a ficção literária, videobiografias e produções culturais, assumem papel de resistência simbólica, funcionando como formas alternativas de ritualização e enfrentamento. Nessa perspectiva, a arte não se configura como fuga, mas como ato político, capaz de denunciar a violência e confrontar a “política de desmemória” instaurada pelo regime.

Entre os recursos mais potentes, o testemunho emergiu como estratégia central de elaboração. Ao transformar a dor privada em narrativa pública, por meio de relatos, livros ou atos políticos, os familiares romperam o silêncio imposto, construindo uma memória coletiva contra o esquecimento. O testemunho, portanto, não apenas legitima a experiência individual, mas também se inscreve como ferramenta essencial de luta por verdade, justiça e reconhecimento, elementos indispensáveis a qualquer possibilidade de reparação e

elaboração do luto.

Ainda assim, observou-se uma escassez de estudos específicos sobre o tema, o que reflete o silenciamento histórico enfrentado por esses familiares. A maioria das análises permanece ancorada em referenciais freudianos, com pouca exploração de contribuições contemporâneas, como as propostas por Worden, Stroebe ou Pauline Boss (luto ambíguo). Essa limitação indica a necessidade de investigações futuras que ampliem a compreensão do fenômeno, sobretudo a partir de perspectivas interdisciplinares e que considerem os efeitos intergeracionais desse trauma coletivo.

Portanto, o luto dos familiares de desaparecidos políticos durante a Ditadura Militar brasileira não é apenas uma questão psicológica individual, mas um fenômeno coletivo e político, cuja compreensão é vital para os processos de justiça de transição e reparação histórica. Reconhecer esse luto é também reconhecer a dívida ética e social que persiste. Nesse sentido, dar visibilidade às vozes silenciadas e sustentar a memória dos desaparecidos não é apenas um exercício acadêmico, mas um compromisso com a democracia e com a dignidade humana.

REFERÊNCIAS

RIBEIRO, K. de M. A vítima silenciada e o grito impotente: testemunho, denúncia e luto na literatura de viúvas de militantes e desaparecidos políticos. **Diálogos Pertinentes**, v. 18, n. 1, p. 46-66, 30 jun. 2022.

TELES, J. D. A. Luto e memória da ditadura: o Memorial dos Desaparecidos de Vila Formosa, em São Paulo. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, v. 2, n. 3, p. 65, 25 fev. 2019.

MENESES, S. M. Luto, identidade e reparação: videobiografias de desaparecidos na ditadura militar brasileira e o testemunho no tempo presente. **História Oral**, v. 17, n. 1, p. 135-161, 10 maio 2014.

RUBERT, S. Na ausência do corpo, a presença da dor: as famílias dos desaparecidos políticos e o seu luto sem corpo. **Anais da ANPUH**, 2012. Disponível em: https://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/18/1346294297_ARQUIVO_ArtigoANPUH2 012.pdf. Acesso em: 15 set. 2025.

NAPP, C.; FONSECA, C. L. O entre-lugar dos desaparecidos políticos em K.—relato de uma busca e Você vai voltar pra mim e outros contos, de Bernardo Kucinski. **Caderno de Letras**, n. 30, p. 143-161, 30 jul. 2018.

FUSTINONI, C. F.; CANIATO, A. O luto dos familiares de desaparecidos na ditadura militar e

os movimentos de testemunho. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 30, e190256, 2019.

FERREIRA NETTO, Leticia R. **O luto sem corpo e a formação da memória de desaparecidos políticos por parte de seus familiares**. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 30., 2016, João Pessoa. Anais eletrônicos [...]. João Pessoa: [s.n.], 2016. Disponível em: [https://www.abant.org.br/files/1466458581_ARQUIVO_COMPLETOFERREIRANETTO,LOLUTOS](https://www.abant.org.br/files/1466458581_ARQUIVO_COMPLETOFERREIRANETTO,LOLUTOS%20EMCORPOEAFORMACAODAMEMORIADEDESAPARECIDOSPOLITICOSPORPARTEDESEUSFAMILIARES.pdf) EM CORPO E A FORMACAO DA MEMORIA DE DESAPARECIDOS POLITICOS POR PARTE DE SEUS FAMILIARES.pdf. Acesso em: 15 de setembro de 2025.

SANTOS, G. D. S.; MASCARENHAS SANTOS, N. D.; SALES, R. J. Processo de luto de familiares de desaparecidos políticos na ditadura militar brasileira. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 26, n. 2, p. 1-17, 2022.

VOGAS, Vitor Bourguignon; TREFZGER, P. Roberto Antunes? Presente! A luta pelo direito ao luto em “O velório”, de Bernardo Kucinski. **Revista Graphos**, v. 25, n. 2, p. 180-196, 2023.

ROTHER, E. T. Systematic literature review X narrative review. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. v-vi, jun. 2007.

ENDO, P. C. Sonhar o desaparecimento forçado de pessoas: impossibilidade de presença e perenidade de ausência como efeito do legado da ditadura civil-militar no Brasil. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 8-15, abr. 2016.



CENTRO UNIVERSITÁRIO
SANTO AGOSTINHO